

A HISTÓRIA (Oral) DA EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Guacira Lopes Louro*

"Eu ia à escola municipal (...) A minha professora... acho que ainda está viva. Tinha mais de três quilômetros de estrada a pé. (...) Eu fui três anos na escola. Eu comecei a escrever em 1928. Mas naquele tempo se passava um livro, outro, até o 5º livro. Depois tinha a Seleta. Eu estudava bem, ajudava bastante a minha professora. Ela tinha 40 alunos, do 1º até a Seleta. Então eu ajudava a ensinar os outros. Eu gostava da professora também e de estudar bastante. Mas como eu era a mais velha da casa, meu pai não me deixou estudar. Eu podia ter mais um ano de colégio. Ele não deixou. Eu sofri a minha parte...".'

Este depoimento integra uma pesquisa de história da educação que realizei entre mulheres idosas, numa região de imigração italiana. Provavelmente as informações que daqui podem ser depreendidas não constituem grande novidade para os estudiosos da área: classes unidocentes, escolaridade reduzida das meninas, até mesmo a referência à **Seleta**, livro indispensável nas antigas escolas do Rio Grande do Sul. Mas uma leitura mais acurada pode nos revelar outros elementos: o desejo de estudar por parte de uma menina numa remota "colônia" nos idos da década de vinte, as grandes dificuldades para chegar à escola e o "sofrimento" por ser privada dela... Exceção? A julgar por outros depoimentos deste mesmo estudo, não. Eu pode-

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ LAURO, G. Lembranças de velhas colônias italianas: trabalho, família e educação. Educação e **Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990

ria acrescentar outros dados que ajudariam a compor melhor o quadro: a emoção da depoente, o olhar que parecia revelar saudades, o torcer das mãos, a associação imediata a uma série de recordações sobre o pai e sobre o trabalho, etc. Estes dados vão contextualizando a escola, apontam para sua articulação com o trabalho, para a divisão das tarefas por gênero e idade, para a distribuição do tempo na família e na comunidade, para as prioridades sociais; acenam também para uma maior atenção à distribuição de poder e, na seqüência da fala, vão permitir melhor caracterizar a autoridade patriarcal, etc.

Mas será que esta história importa para a história da educação? Certamente que sim. O seu resgate implica, no entanto, perceber seus vínculos teóricos, os questionamentos que impõe, seus limites, suas potencialidades.

História oral: vínculos teóricos

Apenas muito recentemente os livros e periodicos de educação passaram a registrar esporádicos artigos onde a história oral é aplicada ou discutida. Contudo, esta forma de reconstituir a história é provavelmente a mais velha de todas as formas, e, num certo sentido, como diz Robertson², "toda história é em seu princípio oral". A reconstituição de fatos e acontecimentos a partir da lembrança daqueles que deles participaram, bem como sua narração oral, foi um modo recorrente de "fazer história" entre os mais antigos, ou mesmo entre alguns dos célebres historiadores. No entanto, por largo tempo, esta abordagem foi abandonada e desprezada, provavelmente pela importância atribuída, dentro da concepção positivista do século XIX, aos documentos. Não é possível desconsiderar que o positivismo inaugura a história enquanto ciência e, como tal, insiste na exatidão,

² ROBERTSON *apud* THOMPSON. P. La historia oral y el historiador. Debats. Valencia, n. 10, p.52. dic 1984

comprovação dos fatos, documentação e neutralidade do historiador. Estas características pareciam, durante largo tempo, não só plenamente alcançáveis, como acessíveis somente se o historiador se apoiasse em fontes escritas "fidedignas". Provavelmente, não é por acaso que esta concepção de história privilegia a história política: é este o terreno onde são mais abundantes os registros escritos (trata-dos, atas, relatórios, decretos, leis, etc).

Os debates do século XX vão trazer, desde o marxismo, outra ênfase histórica: a preocupação com a base econômica, de mudanças mais lentas. A Escola Francesa dos **Annales** desenvolve-se a partir desta concepção, acentuando a história econômica e social. Outras fontes já são consideradas relevantes pelos pesquisadores identificados com estas posturas teóricas, ainda que, sem dúvida, as fontes escritas continuem valorizadas.

Creio que será a partir dos movimentos mais recentes (das chamadas Nova História, História das Mentalidades, História do Privado e História das Mulheres) que fontes não escritas serão valorizadas. Ao lado do reconhecimento de alguns tipos de registro escrito até então quase ignorados — diários, cartas pessoais, cadernos domésticos (com receitas, remédios caseiros, conselhos), revistas e jornais escolares, agendas, álbuns, etc. — passa-se a valorizar também fontes orais e iconográficas, como a fotografia.

Certamente a relação que aqui estabeleci não pode ser entendida de um modo linear, mas, *grosso modo*, diferentes posições teóricas ou ênfases em sujeitos e temas apontaram para a busca ou para o reencontro de diferentes fontes documentais.

Paul Thompson vincula a nova valorização de fontes orais ao pós-guerra, quando os acontecimentos políticos fizeram ascender ao poder grupos e classes sociais sem uma história escrita, e também quando os historiadores sentiram uma necessidade maior de registrar lutas clandestinas de grupos que não documentaram, por razões óbvias, suas ações. Lembra, também, que aí talvez tenha aparecido aquela que ele considera

"... a mudança mais importante de todas: **a renovação** do contato entre história e ciências sociais, e, em particular, com a sociologia e a antropologia. (...) **Para todas estas** disciplinas as entrevistas eram uma fonte fundamental de testemunho." ³

Mas história oral é mais do que entrevistas ou, pelo menos entrevistas tomadas no seu conceito mais restrito. Ela envolve histórias de vida, o que talvez constitua sua fonte mais rica, depoimentos (que alguns parecem chamar de entrevistas temáticas) e entrevistas semi-estruturadas. Usualmente supõe um trabalho mais longo, especialmente quando se refere a histórias de vida e alguns trabalhos relatam pesquisas que envolvem vários anos.

É possível encontrar-se conceituações de história oral como

"... a gravação e o processamento de conjuntos de depoimentos de atores ou testemunhas de fenômenos sociais significativos, cujo registro se perderia pela carência ou insuficiência de fontes históricas".⁴

Considero muito restritiva tal conceituação. Aqui parece estar-se indicando que a história oral deve ser desenvolvida apenas quando nos encontramos face à ausência de outras possibilidades, portanto, como um recurso que se emprega na falta de outro, ou complementando outro. Além disso, o que se pretende abranger com "fenômenos sociais significativos"? Insinua-se uma idéia de história maior, pública, que seria significativa, em oposição à história do cotidiano, por exemplo.

Acredito que a história oral pode e deve ser realizada não só para pesquisar sujeitos ou temas aos quais não se teria outra forma de

Idem, ibidem, p.53

³ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Programa de história oral:** catálogo de depoimentos Rio de Janeiro, 1981 p 19

acesso, mas também, e com destaque, para responder a novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos temas, abrir outras perspectivas de análise, estabelecer relações e articulações entre fatos, sujeitos e dimensões de um estudo. Estas preocupações podem, algumas vezes, ser atendidas através do exame de registros escritos, mas ainda assim a análise de fontes orais representará um enriquecimento significativo.

Ralph Samuel lembra que a fundação em 1971, na Inglaterra, da *Oral History Society* não chega a trazer, num primeiro momento, modificações mais significativas para as questões históricas, já que, no momento de sua fundação, este grupo não dispunha de fundamentos conceituais ou conhecimentos de ciências sociais muito amplos. Para ele, no entanto, as verdadeiras raízes do movimento são mais antigas e estão ligadas ao grupo de historiadores que se reuniam, nos anos do pós-guerra, ao redor de Edward Thompson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e Rodney Hilton, interessados na história social e na classe trabalhadora. Para Samuel,

"A história oral, que funda suas raízes em um capítulo do movimento operário — a história social —, não se fez oral por falta de documentos. À parte de que a noção de arquivo adquire uma nova extensão e combina fontes documentais tradicionais com arquivos orais, e mais frequentemente arquivos não públicos, a história oral produz efeitos críticos e transformadores da prática historiográfica. O oral informa sobre a existência do documento tradicional ou modifica sua leitura".⁵ (Samuel, 1984, p.70).

Na educação, esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar; apontar as formas mais sutis de resistência desenvolvidas pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes; permitir uma leitura mais ampla

⁵ SAMUEL, R. Desprofissionalizar la historia. *Debats*, Valencia, n.10, p.70, dic. 1984.

do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc.⁶

Ela é também, sem dúvida, uma abordagem estreitamente articulada à história das mulheres, área à qual me dedico e que me parece, por sua vez, muito vinculada à educação. Michelle Perrot usa uma expressão interessante, quando diz que "o desenvolvimento recente da história dita 'oral' é de certo modo uma revanche das mulheres".⁷

Como já foi assinalado, dos excluídos da história (operários, mulheres, crianças, negros, camponeses...) pode-se mais facilmente ouvir a voz desta forma. Com relação às mulheres, talvez acabe ocorrendo quase uma inversão, pois, como lembra Michelle, nesta abordagem histórica, elas são mais comumente pesquisadoras e pesquisadas. Seja por sua maior longevidade (o que lhes dá um papel de testemunhas sobreviventes), seja por sua menor dificuldade de contar sobre a vida privada (família, educação dos filhos, dificuldades econômicas, etc), elas acabam se tornando preferencialmente pesquisadas. Na outra "ponta" da investigação, também é mais freqüente encontrarmos pesquisadoras interessadas na história da família, do privado ou do cotidiano e, sem dúvida, seu número é muito maior do que o de pesquisadores homens quando se trata da história das mulheres.

Sem cair num dos estereótipos sexistas que atribui às mulheres um "dom natural" para falar, é importante marcar que na história da família, do cotidiano, do privado — os lugares do feminino por excelência — torna-se evidente a maior desenvoltura das mulheres, que relatam com precisão e riqueza de detalhes os eventos e se demoram na lembrança dos sentimentos e significados dos acontecimentos, em comparação a um certo mutismo masculino. Eu acrescentaria

⁶ É Eliane Marta Teixeira Lopes, em *Colonizador O Colonizado: Uma Relação Educativa no Movimento da História, Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n.1, jan. jun 1990, quem constrói a idéia de "uma leitura da história do ponto de vista da educação", da qual aqui me utilizo.

⁷ PERROT M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9, n.18, p.16, ago/set. 1989.

a estes campos o da história da educação, onde as mulheres têm estado tão fortemente presentes (seja na família, onde geralmente cabe à mãe a educação do cotidiano, seja nas escolas, povoadas por professoras desde o final do século passado). Também é interessante lembrar que nesta relação (pesquisadora pesquisada) freqüentemente se constrói uma certa cumplicidade que facilita o depoimento.

É ainda Michelle Perrot que diz

"... o feminismo desenvolveu uma imensa interrogação sobre a vida das mulheres obscuras. Tornar visível, acumular dados, instituir lugares de memória (...) De início, as mulheres manifestavam reticências, seu pudor se abrigava sob o pretexto de sua insignificância. Dizer 'eu' não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou o decoro do esquecimento de si, a tal ponto que para contar sua vida certa operária — Lise Vanderwielen — prefere se abrigar sob a ficção de um pseudo-romance. Finalmente, tudo depende da relação com a pesquisadora; uma certa familiaridade pode vencer as resistências e liberar um desejo recalcado de falar de si, com o prazer de ser levada a sério e ser, enfim, sujeito da história."⁸ (Perrot, 1989, p. 17).

Algumas pesquisadoras registram diferenças nas lembranças masculinas e femininas. Danielle Kergoat, comentando seus estudos com trabalhadores franceses sobre as conseqüências de Maio de 1968, diz:

"Eu fazia longas entrevistas (três horas ou mais) nas usinas e em suas casas. Os discursos masculinos tinham sempre algo do grande espetáculo; a história contada se aproximava, segundo suas opiniões, da *Marselhesa* ou da *Internacional*. Havia o coletivo, as delegações, as mani-

festações. Era verdadeiramente uma coisa de homens! Havia a mulher que estava ali e que de tempos em tempos intervinha. Freqüentemente ela assoprava, mas ela assoprava às vezes outra coisa. 'Sim, tu contas isto, mas tu não dizes à senhora a noite quando te pusseste a chorar chegando a casa'. Era muito impressionante e emocionante. Era preciso avançar com muitas precauções num domínio onde o afetivo era importante."⁹ (Kergoat, 1981, p.10)

Talvez se esteja incorrendo numa armadilha ao supor um discurso masculino e outro feminino. No entanto, em muitas culturas, como na nossa, aos homens é tradicionalmente vedado externalizar seus sentimentos (suas "fraquezas") e às mulheres é consagrado esse domínio.

Além de características subjetivas, um outro elemento — a idade — pode alterar esta "classificação de domínios" e permitir uma reconstituição histórica mais rica. Paul Thompson afirma que (com exceção talvez das figuras "públicas"), as pessoas mais velhas em geral mostram-se mais dispostas a falar de fatos pouco louváveis de sua vida passada do que na época em que os viveram, até mesmo quando isto se refere a delitos.¹⁰

Trabalhando com a história oral; procedimentos, técnicas, limites

Já vimos os sujeitos privilegiados deste tipo de pesquisa e certamente ficou implícita a importância da relação pesquisador(a)/pesquisado(a) nesta abordagem. Mais do que em outras formas de investigação, aqui é fundamental o estabelecimento de laços de confiança entre os sujeitos envolvidos.

⁹ KERGOAT, D. L'enquête orale et la parole féminine — histoire orale et histoire des femmes *Bulletin de l'Institut d'Histoire du Temps Present*, Paris, n 3, 1982. Supplément.

¹⁰ THOMPSON, P. La historia oral y el historiador. *Debats*. Valencia, n.10, dic. 1984.

No meio acadêmico brasileiro, o belo trabalho de Ecléa Bosi, **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**¹¹, representou uma contribuição significativa nos estudos sobre a memória e em especial a memória dos idosos. A partir deste trabalho e de minha própria experiência como pesquisadora, parece-me importante salientar a contribuição dos velhos, geralmente dada com prazer. Diz um deles, ouvido por Ecléa:

"Veja, hoje a minha voz está mais forte do que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recorde".¹² (Bosi, 1983, p.107).

As pessoas mais velhas — que seriam em princípio as depoentes buscadas pelos historiadores — freqüentemente não têm quem as escute, ou pelo menos quem atribua **importância** à sua fala. Deste modo, a atenção e o interesse do(a) pesquisador(a) são por elas valorizados e, em contrapartida, a investigação se enriquece.

Alguns problemas são usualmente levantados, no entanto. Geralmente, o primeiro a ser destacado refere-se à questão da confiabilidade da memória. Argumentos de ordem psicológica ou mesmo de ordem biológica são trazidos: a seletividade da memória, a repressão dos fatos indesejáveis, o esquecimento, etc. Certamente estas não são restrições desprezíveis. Contudo, delas não escapam também os documentos escritos. Sabemos perfeitamente que se registra o que se quer registrar (basta prestar atenção aos jornais de hoje, às atas de nossas reuniões universitárias, aos relatórios governamentais); ou, falando mais amplamente, os documentos — do passado e do presente — dão uma versão, usualmente a versão dos grupos hegemônicos. "Esquecimentos", "seleção" são cometidos na forma escrita ou oral, de modo intencional ou não.

Thompson comenta outro problema: o da representatividade. Para

¹¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983

¹² *Idem*, *ibidem*, p.107

isto ele lembra que "a morte ataca com desigualdade" e desta forma dificilmente uma amostra aleatória numa pesquisa oral refletiria o passado com precisão. Mas Thompson também chama atenção para o fato de que

"... os documentos que nos foram legados do passado não são, como alguns creêm, uma amostra acidental do que originalmente existia. Foram escolhidos para que prevalecessem, normalmente por membros dos grupos sociais políticos ou instruídos, ao supô-los significativos. Refletem, portanto, a estrutura de poder e os preconceitos de sua época."¹³ (Thompson, 1984, p.54)

Para superar esta questão, em especial, Thompson sugere cuidados na seleção dos entrevistados. Ele se refere a duas formas de escolhê-los: por se constituírem em pessoas de especial interesse para o estudo (seja por uma memória privilegiada, ou por uma relação e experiência excepcional ou crítica com o tema), ou por serem pessoas representativas do grupo em foco.

Considero importante fazer aqui alguns destaques. Se estamos tratando da história oral como um tipo de pesquisa que privilegia determinadas perspectivas teóricas e sujeitos, não estamos nos referindo a uma técnica, mas a uma abordagem de pesquisa que é primordialmente qualitativa (e secundariamente quantitativa). Com isto, fica já evidente que não se supõe a realização de uma entrevista padrão (um questionário oral) com "x" sujeitos, cujas respostas serão posteriormente categorizadas, tabuladas e analisadas estatisticamente. A questão da representatividade da amostra, ou a busca aleatória de sujeitos não tem pois muito sentido. Um trabalho apoiado em histórias de vida, por exemplo, pode envolver poucos indivíduos, mas certamente buscará um conhecimento mais aprofundado de suas histórias, o que implicará um tempo mais longo para a coleta e análise das informações e sua comparação com outras fontes documentais.

¹³ THOMPSON, *op. cit.*, p.54.

A seleção dos sujeitos, **portanto, mais do que casual, pode e deve** ser realizada em função da potencialidade **de** sua contribuição **para** os propósitos da pesquisa. **Num estudo realizado entre** assistentes sociais formados em determinada instituição, por exemplo, foram entrevistados, além do mais antigo professor (fundador da escola), assistentes sociais mulheres e homens (elas em número bem maior, conforme o universo da profissão), distribuídos em diferentes décadas da faculdade¹⁴. Há, portanto, pessoas específicas que precisam ser buscadas por deterem uma experiência significativa para o trabalho; por outro lado, se desejarmos acompanhar determinado processo histórico, como mudanças educacionais, necessitaremos de sujeitos que tenham vivido este processo em diferentes períodos.

Para lidar com o problema da confiabilidade da memória, há cuidados que devem ser tomados (e considerados, certamente, também com relação aos documentos escritos): buscar várias fontes de informação e confrontá-las. Não só é desejável, às vezes, recorrer a vários depoentes, como, ainda, as fontes orais podem ser comparadas, complementadas ou corrigidas (quando for o caso) por fontes escritas. Evidentemente, estas "recomendações" têm sentido conforme os objetivos do estudo. É importante recordar que as falhas e esquecimento da memória também "dizem" alguma coisa. Sem dúvida, é preciso estar sensível para ser capaz de ouvir e compreender estes diferentes discursos.

Um outro procedimento pode ser interessante: ouvir mais de uma vez o(a) mesmo(a) depoente. Philippe Joutard¹⁵ comenta que algumas vezes os entrevistados têm, num primeiro encontro, a tendência de "posar para a história", seja glorificando seu próprio papel, ou idealizando o passado, seja rebuscando sua linguagem, ou tentando dizer o que supõem que o pesquisador deseja ouvir. Desta forma

outros encontros podem construir uma relação mais informal e espontânea e podem também ser úteis para o(a) pesquisador(a) confrontar os dados da entrevista com as outras fontes (escritas ou orais).

Pelo contato direto com **o(a) depoente, a** pesquisa oral **tem seu fascínio, mas também suas dificuldades. Anteriormente, lembrei do prazer** que os mais **velhos demonstram nesta empresa. Merecer sua** confiança, no entanto, exige que se preste atenção se **dê valor a todas** as suas informações (ainda que numa fase posterior, de análise dos dados, haja evidentemente aspectos que se imponham **como** relevantes e outros que se revelem menos significativos). **Para manter** uma atitude atenta e, ao mesmo **tempo, realizar a entrevista, torna-se** importante o uso do gravador. Embora algumas pessoas sintam-se inicialmente intimidadas com este recurso, de um modo geral, após algum tempo ele pode ser empregado sem problemas, liberando o(a) pesquisador(a) para prestar atenção no(a) interlocutor(a) e nas circunstâncias da entrevista. Pessoalmente prefiro não tomar nenhuma nota nesse momento, deixando para fazer todos os registros possíveis (especialmente daquilo que ocorreu "ao redor" da fala) imediatamente após o encontro.

Como já assinalei, a pesquisa oral não supõe um questionário fixo, embora haja, sem dúvida, intenções, objetivos, questões ou temas que se quer abordar. Nos trabalhos com histórias de vida, freqüentemente são realizadas várias sessões com o(a) depoente, e talvez umas poucas questões ou até mesmo interjeições e comentários podem provocar a recordação. Mesmo em uma única sessão (no caso de entrevistas temáticas e semi-estruturadas) este é também o procedimento mais indicado, ou seja, interagir com o(a) entrevistado(a), fazendo-lhe algumas perguntas, usando recursos de fala que provoquem a continuidade do seu depoimento ou, quando necessário, chamando-o ao tema, reenforcando (não sem registrar os "desvios", as vias percorridas pelo sujeito para tratar ou evitar um assunto).

Pode ocorrer também que o(a) depoente se valha de alguns recursos próprios para lembrar sua história: fotografias, objetos, canções. Estes recursos são evidentemente mais uma rica fonte de informações

¹⁴ Refiro-me a dissertação de mestrado de Cristina Fernandes Reali, intitulada A Marca Feminina do Serviço Social (PUCRS, 1989)

¹⁵ JOUTARD, Philippe. El tratamiento del documento oral. Debats, Valencia, n.10, dic. 1984.

e, sempre que possível, devem ser integrados à pesquisa. Talvez devido à formação usualmente desenvolvida nos nossos cursos de história e de pedagogia, ficamos ainda pouco à vontade no uso deste tipo de material nas investigações e não o exploramos convenientemente. Penso que devemos aguçar nossa sensibilidade (que sem dúvida é extremamente exigida na abordagem que aqui venho discutindo), e ser capazes de "ler" o que estas fotos e objetos dizem, bem como o que escondem.¹⁶

Não há dúvida que novos problemas se colocam uma vez realizadas as entrevistas ou registradas as histórias de vida. Dificilmente poderemos trabalhar este material sob sua forma oral, apenas ouvindo as fitas gravadas. Torna-se necessário, então, transcrever, ou melhor, "traduzir" as fitas em textos escritos, que facilitam a análise. Este é não só um trabalho muito dispendioso (em tempo e dinheiro), como também difícil. O gravador captou as palavras, risadas, interjeições, silêncios. Deixou de registrar uma outra linguagem, a linguagem gestual, dos olhares, sorrisos, trejeitos (que observamos). Como integrar tudo isto? Ou, ainda, como registrar por escrito com fidelidade a fala do(a) depoente?

O mesmo Philippe Joutard expõe o dilema: reproduzir em detalhes, palavra por palavra, vacilações e balbucios, correndo o risco de tornar a leitura quase impossível, truncada; ou reescrever o texto oral, com o perigo de assim perdera especificidade e o calor da fala? A resposta que ele dá a esta questão não chega a ser surpreendente: depende do tipo de investigação. Quando o objetivo prioritário é reunir uma informação factual sobre uma técnica, condições de vida, horários de trabalho, segundo ele, a transcrição pode se afastar mais da linguagem oral; mas se a intenção é recriar um "clima", torna-se indis-

Um exemplo de sensibilidade, capacidade de observação e densidade de análise (aliados a um texto de excelente qualidade literária) encontra-se em Un Photo de Classe, de Yvette Delsaut (**Actes de le Recherche en Sciences Sociales**, n 75 19881, onde a autora vale-se de uma fotografia como pretexto (e pré-texto) para uma descrição sociológica da trajetória escolar de jovens mulheres na França.

pensável registrar todas as alterações e nuances das falas."

Na pesquisa educacional, parece-me sempre importante e aconselhável este registro fiel e mais global. Creio que uma das riquezas da história oral está na "vida" do(a) depoente (uma fonte viva); daí que considero sempre conveniente o registro da fala e das dificuldades ou circunstâncias da fala. Se desejamos conhecer os efeitos de regras disciplinares, modelos educativos pretendidos, aspectos ou disciplinas valorizados numa instituição escolar, o depoimento oral será a fonte mais indicada e esta será tanto mais rica quanto mais registrar todos os matizes dos depoimentos.

Pode-se lembrar aqui um outro comentário de Joutard:

"A interpretação das lacunas, das ausências, das distorções com o real conhecido por outro lado, está no centro da análise, pois os historiadores positivistas nos ensinaram muito bem a distinguir o verdadeiro do falso, mas não a **considerar o falso como significativo**. Do mesmo modo, ficam à vontade quando se trata de dissecar as afirmações contidas em um documento, mas não para dar conta dos silêncios".¹⁸ (Joutard, 1984, p.79) (grifos meus).

Liga-se a esta questão a forma de apresentação dos depoimentos nos relatórios ou textos finais da pesquisa. Num extremo temos a transcrição integral dos depoimentos, defendida pelos que consideram que qualquer corte representa uma violência e uma traição (o que em sua essência é real). Noutro extremo temos uma reconstrução inteiramente elaborada pelo(a) historiador(a) que supõe as informações coletadas oralmente, mas não as menciona.

Considero que a fonte deve ser trabalhada como são outras fontes,

¹⁷ JOUTARD, Philippe. El tratamiento del documento oral **Debats**. Valencia, n.10, p 72, dez 1984

¹⁸ *idem, ibidem*, p.79. Grifos meus

ou seja, enquanto pesquisadora devo realizar uma interação entre a teoria que deu suporte para a investigação e os dados coletados. Caso contrário, estarei fazendo enquetes, ou crônicas e narrativas (que até podem ter seu espaço, mas que me parecem não seriam as formas mais férteis para produção de conhecimento histórico). Nunca é demais repetir que uma pesquisa supõe um corpo teórico que dá consistência ao questionamento proposto, indica caminhos, aponta fontes e técnicas. No diálogo da realidade aprendida com a teoria constrói-se o conhecimento. Registra-se a história dos que antes não a tinham (os excluídos), mas não somente isto; esta história é analisada, articulada à história dos outros, interpretada no seu tempo e no sentido de sua época, na busca de uma compreensão mais global — o que afinal é a tarefa do(a) historiador(a).

Do ponto de vista da apresentação formal da pesquisa, é elaborado um texto que é novo, pois integra as falas dos(as) depoentes, os documentos escritos, outros registros históricos e as reflexões do(a) historiador(a). Para isto são necessários cortes nos depoimentos e é verdade que ao realizar estes cortes o(a) pesquisador(a) está interferindo (o que afinal me parece inerente ao seu ofício). Em decorrência, é indispensável que fique claro **quem** diz, ou seja, até onde vai o depoimento, e em que momento fala aquele(a) que realizou a pesquisa. (A conservação das fitas e dos registros integrais dos depoimentos é, no entanto, sempre aconselhável, pois outras leituras ou investigações poderão ser feitas a partir deles — como de resto é importante a preservação de qualquer documento). De qualquer modo, na tarefa de preservar a memória há sempre uma seleção por parte do(a) historiador(a), o que já fica evidente na escolha do objeto de conhecimento, na problemática proposta, nas questões que busca

responder.

Por fim, algumas perguntas

A escolha da educação como objeto de conhecimento não diz muito. A tradicional pesquisa em história da educação está por aí registrada, falando das iniciativas de grandes homens, "evocando" instituições, campanhas educativas, ligas de alfabetização, leis, eventos, e datas, muitas datas. Mas os sujeitos concretos desta história ficaram escondidos: O que se sabe das professoras e professores unidocentes, da forma como organizavam suas aulas e atendiam seus alunos? Que relações eles estabeleciam com as famílias e as comunidades? O que representava a escola para os pequenos filhos de imigrantes no interior do Brasil? O que se ensinava e como? O que pais e mães consideravam importante na educação dos meninos e meninas dos anos vinte, ou trinta, no Rio de Janeiro, no interior de Minas, ou na Bahia? Como era um colégio interno da elite paulistana na década de quarenta? O que se fazia para burlar a autoridade e o controle num internato? O que a cidade grande ensinou para o migrante nordestino? Ela aproveitou seus outros saberes? O que era uma dona-de-casa prendada, no entendimento da gente da campanha rio-grandense? Como as professoras conciliam suas tarefas profissionais e familiares? Como a greve é vivida pelas professoras, professores e estudantes?

Há múltiplas questões a formular e há, ainda, várias perspectivas para ler as respostas. Estou convencida de que no encaminhamento de algumas problemáticas, a história oral pode ser um ponto de apoio fecundo, a lançar luz sobre sujeitos e temas ensombrecidos.